

Semiótica e feminismo do século XIX: possibilidades de análise a partir da imprensa feminista

Semiotics and 19th century feminism: possibilities for analysis from the feminist press

Vanessa Pastorini¹

Resumo: O presente artigo tem como intuito de empreender uma análise que incorpore a semiótica discursiva como fundamentação teórica, alinhada, em certa medida, com as proposições levantadas pela teoria feminista, sobretudo de estudar as mulheres a partir do material que elas produziram (PERROT, 2015). Tomamos, como corpus de estudo, um jornal 'feminista', *La Fronde*, publicado na segunda metade do século XIX. A partir do percurso gerativo de sentido, lançamos luz sobre as manobras persuasivas estabelecidas entre destinador e destinatário, e a sua concretização no nível do discurso. Compreendemos, ademais, o *éthos* e o *páthos*, ou imagem do enunciador e do enunciatário. Os resultados permitem refletir sobre as possibilidades de diálogos do uso da semiótica como ferramenta para a compreensão da história das mulheres.

Palavras-chaves: Feminismo; Semiótica Discursiva; França; Século XIX.

Abstract: *The present article aims to undertake an analysis that incorporates discursive semiotics as a theoretical foundation, aligned, to some extent, with the propositions raised by feminist theory, especially to study women from the material they produced (PERROT, 2015). We take, as corpus of study, a 'feminist' newspaper, La Fronde, published in the second half of the 19th century. From the generative meaning path, we shed light on the persuasive maneuvers*

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral – USP. ORCID ID: 0000-0002-9602-3367.

established between destinator and destinatory, and their concretization at the discourse level. We also understand the ethos and the páthos, or image of the enunciator and the enunciatee. The results allow us to reflect on the possibilities of dialogues of the use of semiotics as a tool for the understanding of women's history.

Keywords: *Feminism; Discourse Semiotics; France; 19th Century.*

1. Introdução

Ao se pensar na luta das mulheres por direitos, recai-se sobretudo na obra de Simone de Beauvoir, *O segundo Sexo* (1970 [1949]). Para Kristeva (2019, p. 43), o pensamento apresentado por Beauvoir, de fato, “marca uma etapa decisiva da emancipação feminina e continua a acerá-la”. Longe de se refutar a importância da obra para a construção e desenvolvimento dos estudos do feminismo, o presente artigo propõe realizar a revisão de outros discursos, anteriores ao de Beauvoir. O olhar recai sobre o século XIX, sobretudo por ser este, de fato,

[o] século [que] assinala o nascimento do feminismo, palavra emblemática que tanto designa importantes mudanças estruturais (trabalho assalariado, autonomia do indivíduo civil, direito à instrução) como o aparecimento colectivo das mulheres na cena política. (DUBY; FRAISSE; PERROT, 1994, p. 9).

A revisão faz-se necessária pela importância de “em lugar de ratificar o fato de que a vida política é um espaço de ausência feminina, [...] pode-se propor uma reavaliação de diferentes acontecimentos em que as mulheres participam da história”. (DAUPHIN et al., 1986, p. 25). Contudo, dentre as dificuldades encontradas ao se estudar um momento longínquo, o fator da ausência de materiais que corresponde à parcela feminina é preponderante. Muitos dos conteúdos que ilustram as condições de vida dos personagens femininos que viveram na sociedade francesa do século XIX foram escritos a partir de um olhar masculino. Referências como os “livros de cozinha, manuais de pedagogia, contos recreativos ou morais constituem a maioria. Trabalhadora ou ociosa, doente, manifestante, a mulher é observada e descrita pelo homem” (PERROT, 1988, p. 186).

No esforço de compreender o século XIX, Perrot (1988) assimila o apagamento da história das mulheres como sendo uma consequência direta da escassez de materiais produzidos por esses personagens ao longo dos anos. Razões para o fenômeno da dificuldade de se encontrar tais documentos podem ser como as apontadas por Woolf (1929), ao se referir à precária educação atribuída à parcela feminina da população, bem como ao rebaixamento da escrita por mulheres por parte da sociedade. Outras, como salienta posteriormente Perrot (2015), podem ser ilustradas pelo hábito da destruição, exercido pelas próprias mulheres, dos seus diários pessoais, interpretados por elas como sendo motivo de embaraço ao terem ali suas vidas registradas.

Uma possibilidade de estudo se sobressai: a imprensa produzida pelas mulheres no período. No estudo realizado por Primi (2006, p. 16)², a autora presume que “a presença de mulheres na imprensa de forma geral, tanto na imprensa de opinião em particular, é pouco conhecida para todo o século XIX, tanto na França quanto na Alemanha.”. Menos conhecida, mas não menos rica no que se refere à produção de discursos emblemáticos.

Isso posto, selecionamos, como *corpus* de estudo, os cinco primeiros editoriais do jornal *La Fronde*, publicado pela primeira vez em 1897, conseguindo encontrar edições esparsas até 1926. A razão pela escolha se justifica, sobretudo, pela capacidade da publicação ter permanecido por tanto tempo em circulação, contrariando uma aversão completa dos ideais feministas na virada do século XIX. A análise tomará, como pressuposto teórico, a semiótica discursiva, ou semiótica de linha francesa. O objetivo consiste em indicar possibilidades de estudos dos materiais produzidos pelas mulheres, a partir da sua compreensão mediada pelo percurso gerativo de sentido.

2. Semiótica Discursiva: percurso gerativo de sentido

A semiótica discursiva compreende o texto a partir da junção entre um plano do conteúdo com um (ou vários) plano(s) de expressão (FIORIN, 1999). Sendo o objeto selecionado para este estudo (o jornal) um texto que se expressa a partir da linguagem verbal (escrita), não deteremos nossa atenção sobre as

² Tradução livre de: *La présence des femmes dans la presse en général, et dans la presse d'opinion en particulier, est très mal connue pour l'ensemble du XIX^e siècle, en France comme en Allemagne.*

categorias pressupostas pelo nível da expressão, nos atentando especialmente ao plano do conteúdo. Tem, neste último, um percurso que corresponde às estruturas mais simples que compõem o sentido de um texto, em direção às mais complexas, articuladas em três níveis distintos: fundamental, narrativo e discursivo. Trata-se, nas palavras de Bertrand (2003, p. 49), de um mecanismo em que o

[s]eu procedimento clássico propõe articular a apreensão do sentido segundo um percurso estratificado em camadas relativamente homogêneas, indo das formas concretas e particulares, manifestadas na superfície do texto, às formas mais abstratas e mais gerais subjacentes, dispostas em múltiplos níveis de profundidade.

No primeiro estrato ou nível fundamental, são estudados os sentidos mínimos que geram o texto, a direção sobre a qual é levado, bem como as transformações que o marcam (BARROS, 2005). É o estágio em que se tem o estabelecimento da relação entre dois termos contrários entre si, projetando, no interior do quadrado semiótico, por meio da operação de *negação*, o seu elemento contraditório e por meio deste, a *asserção*, o seu elemento contrário (BARROS, 2002). Os termos são ainda modalizados com traços atraentes ou repulsivos, ou a partir das categorias /euforia/ *versus* /disforia/ (FIORIN, 1999, p. 23), segundo a perspectiva adotada pelo discurso.

Na etapa imediatamente superior ao nível fundamental, ou nível narrativo, tem-se o enriquecimento das estruturas básicas formuladas no patamar precedente. Ocorre uma antropomorfização, em que a sintaxe narrativa recobre as operações lógicas fundamentais, inserindo sujeitos do fazer e definindo os sujeitos de estado pela junção com objetos-valor: a relação básica do homem com o mundo (BARROS, 2002, p. 27). Os vínculos esboçados pelas narrativas mínimas correspondem ao programa narrativo, ou ao “sintagma elementar da sintaxe narrativa de superfície, constituído de um **enunciado de fazer que rege um enunciado de estado**” (GREIMAS; COURTÉS, 1983, p. 352-353, grifos nossos).

A realidade linguística implica pensar no encadeamento de múltiplos programas narrativos, em que os actantes sintáticos (sujeito do estado, sujeito do fazer e objeto) assumem a função de papéis actanciais. Os percursos narrativos são as estruturas que correspondem a uma sequência de programas

narrativos, podendo ser apreendidos a partir de uma sequência canônica: a *manipulação*, em que um destinador-manipulador busca estabelecer o contrato fiduciário com o seu destinatário; a *competência*, em que o destinatário adquire as competências necessárias para realizar a ação; a *performance*, estágio em que o sujeito, dotado da competência necessária, realiza ou não o proposto pelo destinador; e, por fim, a *sanção*, em que o destinador-julgador realiza um julgamento da ação realizada pelo destinatário. Cabe a este último, em contrapartida, realizar um novo fazer persuasivo, no esforço de atestar ao destinador julgador o cumprimento do contrato. No caso da análise aqui proposta, vamos nos atentar aos programas do destinador-manipulador, a partir das quatro manipulações levantadas por Fiorin (2018): tentação, intimidação, sedução e provocação.

No último patamar, ou nível discursivo, tem-se a enunciação, formulada como sendo a “instância linguística logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado” (GREIMAS; COURTÉS, 1983, p. 145). São aqui instaurados os actantes da enunciação *eu* e *tu*, estabelecendo, conseqüentemente, um tempo e um espaço que lhes são próprios. A projeção das categorias de pessoa, espaço e tempo se dá pelo mecanismo de *debreagem*, distinguida como sendo enunciativa, com a instauração dos actantes da enunciação (*eu/tu*), o espaço da enunciação (*aqui*) e o tempo da enunciação (*agora*); ou *enunciva*, postulando um *ele*, um espaço do *alhores* e o tempo do *então*. O interessante é observar os efeitos de sentido que a escolha das *debreagens* provoca na construção da significação do texto. No caso do texto enunciativo, vê-se um discurso carregado de subjetividade, ao permitir “o *eu* colocar-se no interior do discurso” (FIORIN, 2018, p. 64, grifos nossos). Em contrapartida, na *debreagem enunciva*, tem-se a ilusão de objetividade, graças à especificidade de se manter afastada a instância enunciativa, por meio da eliminação das marcas de enunciação do texto.

As estruturas narrativas são ainda tematizadas e figurativizadas. Em síntese, os temas são as categorias que organizam, classificam, ordenam os componentes encontrados no mundo natural (LARA; MATTE, 2009, p. 70). Os temas funcionam, ademais, como responsáveis pela delimitação das interpretações possíveis de um texto, a partir da repetição de traços semânticos,

ou isotopias, que determinam um dado plano de leitura (FIORIN, 1999). Pode-se encontrar uma isotopia temática ou isotopia figurativa, que corresponde intensa cobertura dos temas por meio de figuras do mundo real. Após realizada a tematização do discurso, pode ocorrer, nessa perspectiva, outro tipo de revestimento semântico, nomeado figurativização.

As figuras assumem, nos discursos, duas direções. Na primeira, decorrem, com os temas, de determinações sócio-históricas inconscientes do discurso. Por outro lado, as figuras “concretizam e dão sensorialidade, corporalidade aos temas” (BARROS, 2004, p. 12). Barros (2004, p. 12) ressalta, na sequência, a importância da compreensão dos temas e das figuras, sendo eles “determinados sócio-historicamente e trazem para os discursos o modo de ver e de pensar o mundo de classe, grupos e camadas sociais, garantindo assim o caráter ideológico desses discursos”.

Por fim, é preciso pensar na criação de efeitos de sentido de veracidade, tomada a partir da construção de verdades de determinados discursos na relação entre o enunciador e o seu enunciatário. Trata-se de uma persuasão, tal qual esboçada no nível narrativo, em que caberá ao enunciador levar o seu enunciatário visado a *crer* e a *fazer* determinada ação, lançando mão de “um simulacro de tudo o que poderia constituir a instância do seu actante complementar” (TATIT, 2019, p. 205). O enunciador/destinador mobiliza categorias que circundam o contexto do seu enunciatário/visado, a partir do estabelecimento de um contrato de veridicção, em que “até mesmo a competência interpretativa do enunciatário é objeto de consideração do enunciador” (Ibid., p. 205). São empregados recursos, por exemplo, como a iconização, em que o enunciador faz com “que reconhecemos figuras do mundo real e que, por isso mesmo, criam a ilusão de ‘cópia do real’” (BARROS, 2019, p. 207, grifos no original).

Apresentados os fundamentos teóricos sobre os quais baseamos nosso estudo, passamos, portanto, à análise propriamente dita. Tomaremos, como objeto de estudo, os cinco primeiros editoriais publicados pelo *La Fronde* em 1897: *Ménagères ou Courtianes?*, *Nos Idylles*, *La Fortune de Jean Bruno*, *Mille*

*Francs e Notre Pays*³. Em um primeiro momento, passaremos pelo nível das estruturas narrativas, sobretudo sobre o percurso da manipulação para, posteriormente, compreendermos os seus efeitos de sentidos nas categorias discursivas. Em seguida, aprenderemos a imagem discursiva do enunciador e do enunciatário proposta pelo jornal *La Fronde*, bem como as categorias semânticas de base que este mobiliza para a construção do sentido. Por fim, interpretaremos os aspectos encontrados pela análise, à luz das teorias feministas.

3. Um jornal feminista? *La Fronde* e seus percursos.

O *La Fronde* foi publicado diariamente no período entre 1897 e 1903, conseguindo permanecer com edições esparsas até meados de 1914, só retornando entre 1926 e 1928. A sua fundadora, Marguerite Durand, era uma figura conhecida nos círculos intelectuais, contando com atuações junto à *Comédie Française* desde os seus dezessete anos, até o seu casamento, em 1888 (ALBISTUR; ARMOGATHE, 1977). Importante lembrar que a prática teatral permitiu à jovem tanto desenvolver sua eloquência quanto abrir os caminhos para o que viria a ser a “elite instruída do feminismo republicano” (CHENUT, 2012, p. 57)⁴. Será apenas em 1896 que, após assistir a um congresso feminista organizado por Maria Pognon, Marguerite se tornará, de fato, uma feminista militante, mesmo que isso soe paradoxal para alguns.

Durand havia publicado o jornal, convencida da necessidade de uma voz profissional e explicitamente feminista no meio político parisiense para contrariar a dominação masculina da imprensa cotidiana. No entanto, sua performance teatral feita de charme feminino e beleza natural, combinada às suas opiniões políticas radicais, suscita controvérsias tanto entre as feministas, quanto entre seus adversários. (CHENUT, 2012, p. 58)⁵.

³ O *La Fronde* permitia que diferentes jornalistas, integrantes do corpo editorial, escrevessem no editorial. No caso dos cinco primeiros, são encontradas as assinaturas de: Marie Anne de Bovet, Séverine, Marie de Grandfort e Georges de Peyrebrune.

⁴ Tradução livre de: *l'élite instruite du féminisme républicain*.

⁵ Tradução livre de: *Durand avait lancé le journal, convaincue du besoin d'une voix professionnelle et explicitement féminine dans le milieu politique parisien, pour contrer la domination masculine de la presse quotidienne. Pourtant, sa performance théâtrale faite de charme féminin et de beauté naturelle, combinée à ses opinions politiques radicales, suscita des controverses tant parmi les féministes que chez ses adversaires*.

O jornal se destaca nos estudos referentes à história das mulheres não apenas graças a sua ilustre diretora. É importante salientar que o *La Fronde* foi o primeiro jornal em que todas as etapas de produção, desde a coleta de informações até aos trabalhos realizados na gráfica, ficavam a cargo de mulheres. Sua equipe de redação também era colocada em posição de destaque. Tratava-se de um corpo editorial considerado de elite (ALBISTUR; ARMOGATHE, 1977), graças às qualidades das jornalistas que compunham o cenário intelectual da França do século XIX e que decidiram se integrar à equipe do *La Fronde*. Tal configuração editorial não pode passar despercebida, tendo em vista as implicações que a formulação acarretou para a estruturação do periódico.

No exercício de analisar a imprensa feminista estruturada a partir da Terceira República, Klejman e Rochefort (1985, p. 10)⁶, ao se debruçarem sobre o *La Fronde*, atestam a importância da publicação para a propagação dos ideais defendidos pelo movimento feminista. Conforme alegam os autores,

[o] jornal dá corpo ao feminismo compondo, pela diversidade dos seus artigos, um corpus teórico que leva em conta múltiplos eixos de intervenção do feminismo. Ele é também o centro de uma rede pela qual o feminismo se propaga por diferentes meios.

Apresentados os bastidores responsáveis pela publicação, passemos à materialidade do *La Fronde*. Apesar de não nos determos, de fato, no plano da expressão, é importante destacarmos alguns aspectos que julgamos relevantes para compreensão do todo de sentido. Em local de destaque, tem-se o título “*La Fronde*”, impresso com fonte cursiva, grossa, acompanhada das datas de diferentes calendários: republicano, protestante, russo e israelita. Os preços dos exemplares variam bastante, sendo que para um parisiense a assinatura anual custava 20 francos, enquanto a semestral, 10,5 francos. Para encerrar a descrição do cabeçalho, há enunciado, logo após as assinaturas, os seguintes dizeres: “*La Fronde*, jornal diário, político, literário é administrado, escrito e composto por mulheres” (*La Fronde, journal quotidien, politique, littéraire, est dirigé, administré, rédigé, composé par des femmes*). Trata-se de um enunciado

⁶ Tradução livre de: [L]e journal donne-t-il corps au féminisme en composant, par la diversité de ses articles, un corpus théorique qui prend en compte les multiples axes d'intervention du féminisme. Il est aussi au centre du réseau par lequel le féminisme se diffuse dans les différents milieux.

mais assertivo, sem esconder aqueles que atuam por detrás da materialidade discursiva: da reflexão do tema à impressão do diário, são mulheres as encarregadas.

Figura 1 – La Fronde



Fonte: La Fronde, nº 14 (10/12/1897).

Todo o texto verbal que compõe a materialidade discursiva se vê constringido no espaço de seis colunas. O que predomina é uma diagramação densa, com enunciados longos e fonte pequena, resultando em um jornal focado em transmitir o seu discurso, sem atribuir espaço a outras vozes. Os demais cadernos que compõem a totalidade discursiva do *La Fronde* abarcam diferentes campos de conhecimento, não apenas voltados para as mulheres. Tem-se, por exemplo, um caderno intitulado “Por quê?” (*Pourquoi?*), em que são elencados questionamentos a respeito de episódios sociais sortidos; a publicação de um “Folhetim do *La Fronde*” (*Feuilleton de La Fronde*), espaço dado à criação literária de autoras ainda não reconhecidas no meio intelectual da época; um “No exterior” (*À l'étranger*), com a síntese dos fatos ocorridos fora da França; bem como uma seção destinada à publicação de “*Fait divers*”. Oportuno destacar as seções “Novidades Feministas” (*Nouvelles féministes*), onde são apresentadas as novidades sobre o feminismo no mundo e as “Crônicas feministas” (*Chronique*

féministe), espaço dedicado às observações consideradas como feministas sobre acontecimentos diversos, desde acidentes envolvendo mulheres até a votação de leis no parlamento que abordassem temáticas do universo feminino. Um jornal não apenas estruturado por mulheres, mas que aparenta almejar também trabalhar sobre os temas que assolam esse grupo em especial, abarcando a problemática dos injustiçados pela sociedade vigente, conforme buscaremos ilustrar na análise.

4. Análise semiótica

Para começar a análise dos cinco primeiros editoriais, é relevante meditar sobre a escolha adotada para o nome da publicação: *La Fronde*. O nome *La Fronde* aparenta fazer referência a um acontecimento situado no século XVII na França. Michelet (1858), ao estudar o período de revoluções populares que transcorreu entre 1648 e 1658, conhecido como *La Fronde*, rotulou-o como sendo “a guerra dos homens honestos contra os vigaristas” (p. 305)⁷. A atitude tomada pelas autoridades francesas da época acabou deixando os pobres sem acesso a alimentos, o que resultou em conflitos no interior do próprio parlamento. Retomando o nome dos confrontos, relacionando-o com o título do periódico, o jornal *La Fronde* dá o primeiro tom dos seus discursos: *lutar contra as injustiças*.

Passando para a análise do primeiro editorial (*Menagères ou Courtisanes?*), ressalta-se, como postulado principal do enunciado, o questionamento àquela que seria a maior premissa atribuída aos movimentos de inferiorização das mulheres: a concessão divina de aspectos específicos às mulheres, como a docilidade feminina e a inclinação natural à sedução do sexo oposto. Atributos que as fazem, segundo esse ponto de vista, naturalmente subordinadas aos homens. Tudo é valorizado, menos o exercício intelectual, o que leva ao questionamento do jornal

(i) Porque, então, sob o pretexto que a natureza não nos teria criado para fins intelectuais – podemos fazê-la falar, a natureza... não vai negar – falamos sobre aquelas [mulheres intelectuais] que, de qualquer forma, se esforçam para provar o contrário, em reflexões

⁷ Tradução livre de: [*L*]a guerre des honnêtes gens contre les malhonnêtes gens.

mais ou menos desagradáveis, cuja decisão firme, saindo da parvoíce só para cair na insolência, me parece ser algo de que nos orgulhar. (*La Fronde*, 09/12/1897)⁸

No estudo do enunciado base presente, a partir do nível narrativo, observa-se, nesta primeira etapa, um sujeito que se encontra em estado de disjunção com o objeto valor descritivo, o da *intelectualidade*. O valor da intelectualidade, porém, pode vir a ser um valor modal como o fazer, que “modalizam ou modificam a relação do sujeito com os valores e os fazeres” (BARROS, 2005, p. 25). Ao pensarmos no conjunto de editoriais, o objeto valor torna a ganhar aspecto mais amplo, configurando-se como objeto valor descritivo mais generalizado, como o da *liberdade* e da *justiça*.

Lançando luz sobre as estratégias persuasivas empregadas pelo destinador-manipulador, depreendemos um sujeito em estado disjunto com as suas potencialidades, em que estas se encontram ofuscadas pelo antissujeito homem, às vezes também concebido como antissujeito sociedade. No primeiro olhar lançado sobre os editoriais, é possível constatar a manipulação por provocação e por tentação, como forma de levar o destinatário a concretizar o contrato proposto pelo destinador. As manipulações são combinadas, em alguns casos, pela sedução, mas que não corresponde a uma parcela significativa dos editoriais analisados.

No percurso de manipulação por provocação, o fazer do destinador-manipulador impõe ao destinatário “escolher entre aceitar a imagem desfavorável que dele foi apresentada ou fazer o que o manipulador pretende.” (BARROS, 2002, p. 38). Observa-se, portanto, no levantamento dos cinco editoriais do *La Fronde*, a construção negativa, tanto da sociedade, quanto dos homens, em que se tem como postulado que a única alteração possível se dá por via da mudança dos valores vigentes.

⁸ Tradução livre de: *Pourquoi, alors, sous prétexte que la nature ne nous aurait point créés à des fins intellectuelles - on peut la faire parler, la nature... pas de danger qu'elle donne de démentis - s'épanche-t-on au sujet de celles qui, tant bien que mal, s'attachent à prouver le contraire, en réflexions plus ou moins désobligeantes, dont le parti pris de dénigrement, ne sortant de la niaiserie que pour tomber dans l'insolence, me semble être plutôt de quoi nous enorgueillir.*

(ii) O maravilhoso é que nem sempre e imediatamente o marido é traído. Não por causa do seu egoísmo, pois este é irreduzível e inelutável como uma força da natureza, mas por causa da sua falta de habilidade e pela sua cegueira. (*La Fronde*, 10/12/1897)⁹

(iii) Penso na natureza estranha deste crime, crime de dinheiro se é que alguma vez existiu: a esta lamentável economia dos grandes estabelecimentos financeiros que não fazem andar em pares os bons criados costurados em ouro. (*La Fronde*, 12/12/1897)¹⁰

O destinatário seria, conforme ilustrado pelos fragmentos anteriores, membro pertencente a uma sociedade corrompida. Tal destinatário é um destinatário amplo, mas passível de ser depreendido como sendo as vítimas do sistema vigente e que devem, a partir da aceitação do contrato fiduciário apresentado, modalizar-se por meio de um dever-fazer. No nível superior, ou discursivo, enunciatário/destinatário é interpelado, muitas vezes, pelo jogo retórico proposto pelo enunciador/destinador

(iv) Aqui estão eles: o homem enfezado, espertalhão, moreno, com a aparência de um animal preso e enganando mais do que lutando. Ele percebe o que é um crime? Já mediu o significado moral? Já considerou as consequências materiais? Eu não acredito. (*La Fronde*, 12/12/1897)¹¹

O emprego das perguntas, conforme atestam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 180), indica menos a vontade de se fazer a apresentação de uma causa em especial, do que a “razão pela qual não o encontraremos”. Ao evidenciar as incongruências dos valores vigentes na sociedade, o enunciador busca, por meio da construção do seu jogo retórico, chamar a atenção do enunciatário para as falhas do sistema. No caso das *debreagens* empregadas no nível da sintaxe discursiva, vemos o uso da enunciativa, em que é possível perceber o simulacro da presença ativa do enunciador no enunciado, o que resulta na produção de um efeito de aproximação (FIORIN, 2016).

A abordagem enunciativa se faz mais presente, sobretudo, no quarto editorial do *La Fronde* (iii). Trata-se do emprego do recurso da enunciação

⁹ Tradução livre de: *Ce qui est merveilleux, c'est que ce mari ne soit pas toujours et immédiatement trompé. Non pas à cause de son égoïsme car celui-ci est irréductible et inéluctable comme une force de la nature, mais à cause de sa maladresse et de son aveuglement.*

¹⁰ Tradução livre de: *Et je songe à la bizarrerie de ce crime, crime d'argent s'il en fut jamais: à cette économie regrettable des grands établissements financiers ne faisant pas marcher par deux les bons serviteurs cousus d'or.*

¹¹ Tradução livre de: *Les voici: l'homme chétif, chafouin, noiraud; la mine d'un animal pris au piège et qui ruse plutôt qui ne se débat. A-t-il conscience de ce que c'est qu'un crime? En a-t-il mesuré jamais la portée morale? En a-t-il jamais envisagé les conséquences matérielles? Je ne le crois pas.*

enunciada, em que se “contém os elementos apreciativos que remetem à instância da enunciação” (FIORIN, 2016, p. 57). O enunciador se mostra “mais íntimo e cúmplice” (DISCINI, 2004, p. 124) e busca levar o seu enunciatário a *crer* e, em seguida, a *dever-fazer* um movimento para mudar a situação atual.

No esforço de levar o seu parceiro comunicativo a compactuar com a desconstrução dos valores vigentes, o enunciador do *La Fronde* aparenta visar, de forma assídua, reforçar a relação de cumplicidade com o seu enunciatário. Observa-se, nesse sentido, o emprego da primeira pessoa do plural, ou pessoa amplificada, ‘nós’ exclusivo (*nous*), em que se observa “a junção de um *eu* com um *não eu*” (FIORIN, 2016, p. 52), conforme na passagem:

(v) Nós exageramos de uma paixão já formidável (o amor): suas alegrias, seus perigos, suas responsabilidades, suas dores. Nós a tornamos excessiva e tentadora até a vertigem. Nós fizemos dela o abrigo de tantos sonhos que alguns moralistas lógicos de hoje exigem que as mulheres tenham livre acesso a este paraíso, proclamam seu direito as experiências antes do casamento e as aventuras de depois, achando muito acanhada e discreta a área do adultério compensatório (*La Fronde*, 10/12/1897)¹².

Ao se dirigir ao um público múltiplo, a partir do emprego da junção entre os pronomes ‘eu’ (*je*) e o ‘eles’ (*ils*), postulado pelo ‘nós’ (*nous*), o enunciador aparenta ter uma “fala como se estivesse repetindo as suas palavras” (CHARAUDEAU, 1992, p. 153)¹³. Trata-se, desta forma, de um artifício que permite o desenvolvimento de uma enunciação voltada especialmente para a adesão do enunciatário, atribuindo ao enunciado um valor afetivo (CHARAUDEAU, 1992), em que este vê ali suas próprias palavras.

Não apenas a partir de uma interação voltada para a intimidade entre os laços dos parceiros comunicativos, o *La Fronde* recorre, em diversas situações, ao fazer literário para a construção dos seus editoriais. Vale ressaltar que a literatura, segundo Marie-Ève Thérénty (2007), provocava efeitos catárticos e de empatia no leitor que apenas a observação *sur place* não conseguiria. A vida

¹² Tradução livre de: *Nous avons tout exagéré d'une passion déjà formidable (l'amour): ses joies, ses dangers, ses responsabilités, ses douleurs. Nous l'avons rendue excessive et tentatrice jusqu'au vertige. Nous en avons fait le refuge de tant de rêves que des moralistes logiques demandent aujourd'hui pour les femmes le libre accès de ce paradis, proclament leur droit aux expériences avant le mariage et aux aventures après, trouvant trop étroite et trop discrète la région de l'adultère compensateur.*

¹³ Tradução livre de: *[L]e locuteur rapporte les propos et comportements du tiers dont il est question en faisant semblant d'être associé à celui-ci.*

cotidiana era mais bem compreendida quando mediada pelos estímulos literários, servindo como ferramenta que possibilita ao enunciatário perceber o seu modo próprio de ver e recortar o mundo em que vive.

(vi) Oh! A pobreza, a miséria ridícula dessas notas bancárias, desses vinte mil francos, desse pequeno monte de papéis pelo que este homem cometeu fratricídio; pelo que, durante oito horas, se sentou, à noite, na escuridão, a doze metros de profundidade, vigiando a combustão do cadáver. (*La Fronde*, 12/12/1897)¹⁴.

Na escrita mais inclinada para o estilo literário, em que se tem uma debreagem enunciativa de 3ª pessoa, o enunciador reforça a construção de sentido de imparcialidade. O efeito “é antes um equilíbrio das forças, uma atenção máxima aos interesses em causa, mas repartida igualmente entre os pontos de vista” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 67). Por mais que a aproximação estabelecida entre o enunciador e o enunciatário seja atenuada, esta não é totalmente posta de lado. O que se observa é a focalização sobre o tema abordado pelo jornal, destacado por adjetivos como “miséria ridícula” (*la misère ridicule*). O enunciador/destinador do *La Fronde* aparenta querer conduzir o seu leitor a aceitar os valores propostos se valendo, destarte, de uma escrita mais literata, não o provocando diretamente. Vê-se, nessa perspectiva, uma ficcionalização dos acontecimentos, com vistas ao que se afirma ser uma melhor compreensão do real (THÉRENTY, 2007).

Dando sequência ao estudo da manipulação concebida no interior do *La Fronde*, a partir do estudo do nível narrativo estruturado no interior dos cinco editoriais, constata-se o emprego de outra manobra usada pelo destinador-manipulador, notadamente a manipulação por tentação. No caso da tentação, “o destinador oferece valores que ele acredita desejados [...] pelo destinatário” (BARROS, 2019, p. 199).

(vii) Se a mulher, em vez de ser uma tentação engenhosa, refinada e aguçada na perversidade pela educação, literatura e costumes, se tornar uma força compreensiva e afetuosa, uma camarada próxima de quem se pode pensar em outra coisa que no seu

¹⁴ Tradução livre de: *Oh! La pauvreté, la misère ridicule de ces billets de banque, de ces vingt mille francs, de ce petit tas de papiers pour lequel cet homme a commis le fratricide; pour lequel, huit heures durant, il est allé s'asseoir, dans la nuit, dans les ténèbres, à quarante pieds sous terre, surveillant la combustion du cadavre.*

sexo, será que a verdadeira virilidade da nossa raça não ganhará? (*La Fronde*, 10/12/1897)¹⁵.

(viii) Você sente que perdidos na confusão, os corações vibrantes acreditam tenazmente na marcha da Humanidade [França]; eles só vivem para essa fé, fé profunda e persistente como a vida, fé contagiante, de modo que as suas certezas e o seu entusiasmo, embora raro e disseminado, ganhe, aos poucos, mas seguramente [...] (*La Fronde*, 13/12/1897)¹⁶.

Ao rascunhar uma primeira análise dos fragmentos selecionados, percebe-se a exaltação dos valores atribuídos ao sujeito mulher, como também o engrandecimento das potencialidades daquele que seria o verdadeiro francês, apresentado pelo editorial “*Notre pays*”. Como forma de validar os valores postos em questão, o destinador do jornal recorre ao estabelecimento do diálogo com o seu destinatário se baseando, para tanto, no engrandecimento dos aspectos positivos que podem *vir a ser* possíveis, desde que haja o firmamento do *contrato fiduciário*. A manipulação se baseia na apresentação dos valores defendidos por ambos: no desejo pelo bom funcionamento da sociedade e no seu bem maior, a *França*.

Prosseguindo para os temas que se encontram nos planos de leituras possíveis, vemos o fator da *injustiça social* sobressalente. É interessante retomar, por exemplo, as publicações do ano de 1926, em que o *La Fronde* enunciava que “Todos aqueles interessados nas questões sociais, devem ler.” (*Tous ceux qui s’intéressent aux questions sociales, doivent lire*). Tema este acompanhado de subtemas como a descaracterização dos estereótipos formulados pela sociedade em torno da figura feminina, a avareza, o individualismo, o egoísmo e a futilidade nas relações sociais e a exaltação positiva das características do hexágono francês.

Os temas vêm, em sua maioria, recobertos por figuras que ancoram os relatos no mundo real, marcando a forte presença da iconização, em que o

¹⁵ Tradução livre de: *Si la femme, au lieu d’être une ingénieuse tentation, qu’affinent, qu’aiguisent en perversité l’éducation, la littérature, les mœurs, devient une force compréhensive et tendre, une camarade près de qui l’on peut songer à autre chose qu’à son sexe, la véritable virilité de notre race n’y gagnera-t-elle pas?*

¹⁶ Tradução livre de: *Vous sentez que, perdus dans la mêlée, des cœurs vibrants croient tenacement à la marche en avant de l’Humanité; ils ne vivent même que pour cette foi, foi profonde et persistante comme la vie, foi contagieuse, si bien que leurs certitudes et leur enthousiasme, quoique rares et disséminés, gagneront lentement, mais sûrement [...].*

enunciador faz com “que reconhecemos figuras do mundo real e que, por isso mesmo, criam a ilusão de ‘cópia do real’.” (BARROS, 2019, p. 207, grifos no original). São momentos em que o enunciador recorre, com vista a criticar estereótipos formulados acerca do sexo feminino, às vozes oriundas de figuras literatas da época (provocação), às paisagens francesas (tentação), no esforço de convencer aquele a quem direciona a mensagem.

(ix) [...] abrindo uma edição de luxo de *Manon Lescaut*, ornada de um prefácio de Guy Maupassant [...] o ingrato escritor do qual elas (as mulheres) são as mais ferventes admiradoras [...] as confina exclusivamente “em duas missões muito distintas e encantadoras: o amor e a maternidade”. Por que distintas? Desnecessário dizer à prostituta que as simpatias do autor de *Boule de Suif* vão para ela, e as nossas também, pois ele as pinta de forma tão amável. “os grandes homens viviam na casa das cortesãs, ouviam os seus conselhos, encontravam na sua intimidade essa graça delicada.” seguem palavras tão obsequiosas que as deixo de lado por consideração pela pobre matrona, ali na ala ginecológica, assoando o nariz do pequeno Alcibiabe. (*La Fronde*, 09/12/1897, grifos no original)¹⁷.

(x) [...] eis o Pirenéus e seus arredores, terra não menos trágica e atormentada, perto de frescuras encantadoras, que a terrível Espanha, eis sua Provença, irmã da Grécia, banhada pelas ondas do azul mediterrâneo, Provença cuja aridez e brancura, ainda realçadas por um céu de mármore, anunciam ao mesmo tempo a tórrida África, e depois os Alpes, paisagem suíça, e o planalto central até a verdejante Escócia, e a quimérica Bretanha que o Oceano devora, a harmoniosa Normandia, o Mar do Norte com seu céu cinzento de país setentrional, enfim a enorme metrópole Paris, linda entre outras, talvez ainda mais pelas suas lembranças pesadas do que pelas suas realidades. (*La Fronde*, 13/12/1897)¹⁸.

¹⁷ Tradução livre de: [...] ouvrant une édition édition de luxe de *Menon Lescaut*, ornée d'une préface de Guy Maupassant [...] l'ingrat écrivain dont elles sont les plus ferventes admiratrices [...] les confine (les femmes) exclusivement “dans deux rôles bien distincts et charmants tous les deux: l'amour et la maternité” – Pourquoi distincts? [...] Inutile de dire qu'à l'hétaïre vont les sympathies de l'auteur de *Boule de Suif*, et les nôtres aussi, tant ils les peint aimables. “Les grands hommes vivaient dans la maison des courtisanes, écoutaient leurs conseils, trouvaient dans leur intimité cette grâce délicate...” - suivent des propos si obligeants que je les passe par égards pour la pauvre matrone, là-bas, dans le gynécée, en train de moucher le petit Alcibiabe.

¹⁸ Tradução livre de: [...] voici ses Pyrénées et leurs alentours, sol non moins tragique et tourmenté, à côté de ravissantes fraîcheurs, que la terrible Espagne; voici sa Provence, sœur de la Grèce, baignée des flots de la bleue Méditerranée, Provence dont la sécheresse et la blancheur, encore avivées par un ciel de marbre, annoncent en même temps les torridités de l'Afrique; puis les Alpes, décor suisse, et le Plateau central aux verdoyantes d'Écosse, et la chimérique Bretagne que ronge l'Océan, l'harmonieuse Normand, la Mer du nord avec ses grisailles de contrée boréale; enfin l'énorme métropole Paris, belle entre toutes, peut-être plus encore par ses lourds souvenirs que par ses réalités.

Não é demasiado ressaltar que o fenômeno de exaltação da República Francesa, empreendido pela grande maioria dos seus cidadãos, é um assunto da ordem histórica. Conforme relembra o próprio fragmento extraído do editorial “*Notre Pays*” (*La Fronde*, 13/12/1897), a beleza de Paris se vê mais ligada ao seu passado do que à sua realidade atual, sendo esta beleza, portanto, estritamente ligada ao papel que a cidade exerceu no âmbito político francês como um todo. Girardet (1958, p. 506)¹⁹ retoma a concepção ampla do nacionalismo como sendo “todo sistema relativamente coerente de pensamentos, de sentimentos ou de emoções centradas, sobretudo, na defesa ou na exaltação do ideal nacional”.

Ao serem colocados em evidência os valores patrióticos, tão difundidos no seio da sociedade, percebe-se um enunciatório que compactua com o sentimento da nação e que tem maiores chances de interpretar como *verdadeira* a persuasão estruturada pelo *La Fronde*. Tumultuada pelos inúmeros fenômenos políticos e sociais, a França e seus cidadãos, em especial aqueles oriundos da classe burguesa, anseiam pela concretização da nova República (DUBY; FRAISSE; PERROT, 1994), fundamentada nos valores nacionais.

4. Éthos e páthos

Como forma de oferecer algumas considerações sobre a análise aqui levantada, julgamos importante acrescentar os dizeres de Butler (2020, p. 21) sobre a pretensão de se supor uma base única das lutas das mulheres

A presunção política de ter de haver uma base universal para o feminismo [...] acompanha frequentemente a ideia de que a opressão das mulheres possui uma forma singular, discernível na estrutura universal ou hegemônica da dominação patriarcal ou masculina.

No caso dos jornais publicados por estes personagens no século XIX, a opressão apresentada é múltipla, em que diferentes estratégias são levantadas para que o discurso proferido se insira na cena pública. Na análise, vemos um *éthos* do *La Fronde* que joga com os valores de justiceiro, voltado especialmente às causas das mulheres e dos oprimidos, de forma explícita no enunciado.

¹⁹ Tradução livre de: *Tout système relativement cohérent de pensée, de sentiments ou d'émotions essentiellement centré sur la défense ou l'exaltation de l'idée nationale.*

Oportuno retomar que o *éthos*, para a semiótica discursiva, consiste no caráter do enunciador, apreendido a partir da “recorrência de um fazer e na recorrência de um ser, o que indica o seu aspecto, ou seu modo de ser” (DISCINI, 2004, p. 28). Não se trata do autor em carne e osso, mas sim na sua imagem discursiva, postulada a partir das marcas da enunciação deixadas no enunciado.

No caso do *éthos* do jornal *La Fronde*, interpretado a partir da totalidade discursiva dos cinco primeiros editoriais, a estratégia é sobretudo a inclusão, postulado a partir do ‘*nós*’ do seu parceiro comunicativo nos valores almejados. Há situações em que enunciador faz o caminho reverso do de justiça, se aproximando do diálogo com camadas mais conservadoras. É um outro *éthos* que se dota de uma compreensão perspicaz do mundo menos progressista do entorno, recorrendo, na construção da sua enunciação, à adoção de um estilo mais literário.

No exercício de crítica aos valores burgueses, retomando o fazer literário, o *La Fronde* e as mulheres que nele escreviam constroem os editoriais a partir de uma visão de mundo que lhes é própria, de forma que esta não esteja colocada em evidência. Ao contrário, por ser mais sorrateiro, a compreensão do discurso proposto pelo *La Fronde* deve advir de uma interpretação mais atenta, cujo enfoque consiste em não perturbar diretamente os valores do enunciatário, mas de se *fazer ser* ouvido.

Outro aspecto relevante a ser considerado consiste, conseqüentemente, sobre o público ao qual se dirige o *La Fronde*. Quem diz algo, diz algo para alguém, e esse alguém é o *páthos* do enunciatário. Importante destacar que, para o bom funcionamento da comunicação, o enunciatário deve identificar-se com o discurso materializado pelo texto.

O enunciatário não adere ao discurso apenas porque ele é apresentado como um conjunto de ideias que expressam seus possíveis interesses, mas, sim, porque ele se identifica com um dado sujeito da enunciação, com um caráter, com um corpo, com um tom. Assim, o discurso não é apenas um conteúdo, mas também um modo de dizer, que constrói os sujeitos da enunciação. (FIORIN, 2004, p. 74).

O *páthos* do *La Fronde*, ou o seu enunciatário propriamente dito, seria, nessa perspectiva, dotado de uma cultura ímpar, membro da sociedade burguesa conservadora, letrado nos dogmas religiosos, não muito disposto a ver

seus valores criticados abertamente. Entretanto, é um *páthos* que, ao aceitar o discurso oferecido por um jornal declaradamente feminista, se apresenta disponível para refletir sobre a sociedade, sobretudo no que se refere à situação dos menos favorecidos: as mulheres e as classes em situação de vulnerabilidade.

A comunicação é voltada, ademais, para um enunciatário afeito à defesa das qualidades do seu país. A França é, para o discurso produzido pelo *La Fronde*, o melhor dos lugares e vem sendo, contudo, corrompida por pessoas mal intencionadas. Cabe ao jornal, compreendido como uma das poucas instituições, dentre as demais classes liberais que ainda não fora corrompida, o papel de informar este leitor de forma clara e sincera, fazendo jus, portanto, ao que é o *verdadeiro ser francês*.

Considerações finais

Estruturado a partir das categorias de liberdade e opressão, em que a liberdade assume valores eufóricos e a opressão valores disfóricos, o estudo do jornal *La Fronde* possibilitou, graças ao remonte dos seus níveis de construção de significação, uma ampla compreensão do mundo das mulheres que viveram no século XIX. Um jornal que busca, a partir de estratégias específicas, inserir discussões que afetam o cotidiano das mulheres, mas sem desvincular os demais problemas que atingem o seu país de origem.

Ao integrar em suas páginas os cadernos dedicados à causa dos problemas das mulheres (Crônicas feministas e Novidades Feministas), o *La Fronde* contribui, ademais, para a inserção da discussão do feminismo no seio da cena pública. Não apenas restritos aos círculos de intelectuais, o debate acerca da situação das mulheres, e dos estereótipos construídos em torno da sua figura, são colocados em pautas e questionados por um enunciador que tenta, a todo momento, compreender o que, de fato, são os valores do seu enunciatário.

Por fim, foi possível depreender o que seria uma preocupação pela situação das mulheres, mas fortemente vinculado às causas sociais. Se formos pensar o papel do feminismo, retomando as palavras de Hooks (2018, p. 120),

temos “um movimento para acabar com o sexismo, dominação e opressão sexistas, é uma luta que inclui esforços para acabar com a discriminação de gênero e para criar igualdade, é um movimento fundamentalmente radical”. O *La Fronde* consegue, a sua maneira, ilustrar a luta contra a discriminação de gênero como um fazer necessário, sem fugir dos preceitos de igualdade. É graças às mulheres que escreveram nos bastidores de periódicos e que podem, ainda na contemporaneidade, verem suas vozes como lugar de destaque. Vozes estas que nos permite a compreensão, pelo ponto de vista que lhes era próprio, da sociedade francesa do século XIX.

Referências

- ALBISTUR, Maïté; ARMOGATHE, Daniel. *Histoire du féminisme français: de l'empire napoléonien à nos jours*. Paris: Éditions des Femmes, 1977, 2v.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do Discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual Editora, 2002.
- _____. Publicidade e figurativização. *ALFA - Revista de Linguística*, vol. 48, n. 2 (2004), p. 11 - 31.
- _____. *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo: Ática, 2005.
- _____. Estudos do discurso. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística: II Princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2019.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução: Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BETRAND, Denis. *Caminhos de semiótica literária*. Bauru: EDUSC, 2003.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2020.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachete, 1992.
- CHENUT, Helen Harden. L'esprit antiféministe et la campagne pour le suffrage en France, 1880-1914. *Cahiers du Genre*, vol. 52, n. 1, 2012, p. 51-73.

- DAUPHIN, Cécile et. Al. A História das Mulheres – Cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia. *Annales ESC*, n. 2, 1986, p. 271-293.
- DISCINI, Norma. *O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia, literatura*. São Paulo: Contexto, 2004.
- DUBY, Georges; FRAISSE, Genevieve; PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Edições Afrontamento, 1994. 4v.
- FIORIN, José Luiz. Sendas e Veredas da Semiótica Narrativa e Discursiva. *DELTA*. São Paulo, v. 15, n. 1, p. 177-207, 1999.
- _____. O páthos do enunciatário. *Alfa*, v. 48, n. 2, p. 69-78, 2004.
- _____. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Contexto, 2016.
- _____. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2018.
- GIRARDET, Raoul. Pour une introduction à l'histoire du nationalisme français. *Revue française de science politique*, n. 3, 1958, p. 505-528.
- GREIMAS, Algirdas Julius; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. Tradução de Alceu Dias lima et al.. São Paulo: Cultrix, 1983.
- HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.
- KLEJMAN, Laurence, ROCHEFORT, Florence. Le féminisme sous la troisième république: 1870-1914. *Matériaux pour l'histoire de notre temps*, n. 1, 1985. Histoire des femmes et du féminisme. p. 8-11.
- KRISTEVA, Julia. *Beauvoir presente*. São Paulo: Sesc, 2019.
- LARA, G. M. P.; MATTE, A. C. F. *Ensaio de semiótica: aprendendo com o texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- MICHELET, Jules. *Histoire de la France au dix-septième siècle*. Paris: Chamerot, 1858.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *Minha história das mulheres*. Tradução: Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2015.

PRIMI, Alice. Être fille de son siècle: L'engagement politique des femmes dans l'espace public en France et en Allemagne de 1848 a 1870. 2006. Tese (Doutorado em História) - História, Literatura e Sociedade, Universidade Paris 8, Paris, 2006.

TATIT, Luiz. A abordagem do texto. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística: 1. Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2019.

THÉRENTY, Marie-Ève. *La littérature au quotidien: poétiques journalistiques au XIXe siècle*. Paris: Seuil, 2007.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Círculo do livro, 1929.

Links de acesso ao *La Fronde*

Nº 1: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6703120x>

Nº 2: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6703121b>

Nº 3: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6703122r>

Nº 4: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k67031235>

Nº 5: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6703124k>